

DISCURSO LITERÁRIO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-PERSONAGEM DORIAN GRAY¹

Aline Silvério de Freitas²

RESUMO: Este artigo busca refletir sobre a construção do sujeito-personagem Dorian Gray, considerando para o trabalho o discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*, do escritor irlandês Oscar Wilde, em que o sujeito-personagem encontra-se em uma sociedade londrina conservadora do século XIX. Ao pensar que fatores das convenções sociais afetam diretamente quem faz parte destas, o sujeito-personagem Dorian Gray é passivo de apreciação neste artigo que se fundamenta na Análise de Discurso, pois o personagem, assim como o discurso literário, é construído a partir da história, de ideologias e sentidos. Neste trabalho, portanto, através de uma pesquisa teórica e analítica, mostraremos as características do discurso literário incidem na constituição do sujeito-personagem Dorian Gray e suas modificações durante o decorrer da obra.

Palavras chave: Análise do Discurso; Sujeito; Dorian Gray.

ABSTRACT: This work aims at reflecting about the construction of the subject-character Dorian Gray, considering for the work the *The picture of Dorian Gray's* literary speech, by the Irish writer Oscar Wilde, once the subject-character is in a conservative Londoner society of the 19th century. At the thought that social conventions facts directly affect who make part of these, the subject-character Dorian Gray makes possible the appreciation in this article which primarily is grounded on Discourse Analysis because the character, as well as the literary speech, is constituted through history, ideologies and senses. In this paper, therefore, through a theoretical and analytical research, we will show the literary discourse characteristics focused on subject-character Doran Gray and his modifications during the work.

Keywords: Discourse Analysis; Subject; Dorian Gray.

Introdução

Buscamos analisar neste artigo a construção do sujeito-personagem Dorian Gray na obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Para isso, utilizamos como metodologia de trabalho descrever, interpretar e analisar a construção do sujeito-personagem Dorian Gray no discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Assim, fundamentamos o nosso trabalho na Análise do Discurso francesa,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras (Português/Inglês) da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, sob a orientação da Prof.^a Dra. Grenissa Bonvino Stafizza.

² Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. E-mail: alinesilverio15@hotmail.com

considerando postulados teóricos sobre discurso literário (MAINGUENEAU, 2006), sujeito, sentidos e ideologias (PÊCHEUX, 1997; GADET, HAK, 1997; ORLANDI, 2007). Em seguida, selecionamos alguns enunciados do discurso literário da obra *corpus* da pesquisa que focam o sujeito-personagem Dorian Gray de modo que possamos descrever, interpretar e analisar sua construção no discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*.

Ao considerar que a obra situa-se na vertente gótica da literatura fáustica, observamos que *O retrato de Dorian Gray* diz respeito ao único romance escrito pelo escritor irlandês, Oscar Wilde, 1988. Nesse sentido, é preciso pontuar que Wilde fez parte da sociedade vitoriana do século XIX que se caracterizava pelos bons costumes, manutenção das normas e regras sociais, bem como pelo comportamento social polido. Logo, Wilde era o oposto do que a sociedade vitoriana da época postulava: o escritor era visto como um escritor transgressor, pois seus escritos denunciavam a hipocrisia social, e seu comportamento libertino chocava a sociedade londrina.

Na sociedade vitoriana onde havia uma estratificação social em que permanecia a desigualdade entre os pobres, que eram reprimidos e oprimidos socialmente, e os ricos que eram bem sucedidos, predominava a influência da Inglaterra que pregava dogmas, preceitos puritanos, modelo de alta cultura e a pobreza suja dos que eram excluídos. Nesse sentido, a sociedade também impunha que o homem era o “senhor” superior enquanto a mulher deveria ser submissa ao seu “senhor”. Desse modo, é nesta época que Wilde, que era o homem que não temia a liberdade de pensamento e de ações, vive seus últimos dias condenado a trabalhar forçadamente por assumir sua homossexualidade em uma sociedade que exigia um “modelo de homem” um *gentleman* perfeito, provedor-macho, ou seja, heterossexual.

Quando se trata de Oscar Wilde, nada é tão direto e conciso, há sempre um ar simbólico repleto de sentidos, tal como na obra analisada *O retrato de Dorian Gray* (REVISTA CULT, 2000). Esta obra foi considerada como a materialização da ideologia de Wilde, colocando em cheque a busca por sensações, a entrega aos prazeres carnais do sexo e da entrega às drogas, como o absinto e o ópio, além de retratar elementos homoeróticos, algo típico da literatura vitoriana, uma vez que havia muita pressão social sobre os homens no sentido de preservação da figura masculina tradicional: não havia diálogo ou nem mesmo possibilidade de se considerar o tema da diversidade sexual. Em

suma: a sociedade punia o homem e a mulher que não se encaixavam no modelo de homem e mulher postulado pela Igreja, socialmente constituídos como modelos a serem seguidos. Assim, buscamos analisar também a ideologia e a subjetividade transcrita por Wilde na obra *O retrato de Dorian Gray* a partir da construção do sujeito-personagem, Dorian Gray, ressaltando os sentidos que podem emergir no discurso literário, considerando o a época da sociedade retratada na obra e como essa se refletia na construção do sujeito-personagem Dorian Gray. Logo, pontuamos que a formação do sujeito acontece através do outro, ou seja, somente a consciência da existência do outro faz com que o sujeito tome consciência de si mesmo e, em busca da construção dos sentidos que também são construídos no âmbito do discurso literário, podemos pensar sobre a constituição do sujeito-personagem Dorian Gray na obra em estudo.

Sujeito, ideologias e sentidos para se pensar Dorian Gray

Quando falamos em sociedade podemos refletir sobre a época, sobre o sujeito que dela faz parte e por ela é constituído, bem como sobre as práticas ideológicas construídas socialmente pelos sujeitos. Nesse sentido, ao analisar o sujeito-personagem Dorian Gray pensando em sua constituição no discurso literário, torna-se necessário abranger seu caráter sócio histórico, uma vez que o sujeito produz sentidos a partir de seus dizeres e na relação com o outro, também sujeito social e histórico, construído na e pela linguagem, pelo olhar do outro sujeito.

O discurso se realiza em forma de linguagem não estanque, carregada de ideologia, a partir da produção de dizeres enunciados por sujeitos que ocupem determinados lugares sociais. Assim sendo, a linguagem pensada aqui enquanto discurso se mostra em movimento, de modo dinâmico, e produz determinados sentidos relativos a quem enuncia, ou seja, a quem concretiza esta prática. Isto se dá a partir da vivência do sujeito, de sua história, de sua condição social e de sua ideologia formada a partir do seu percurso de vida, sempre em relação ao outro. A partir disso, Orlandi (2007) observa que o sujeito não produz sentidos, os sentidos são exteriorizados a partir do lugar em que o sujeito realiza o seu dizer, lembrando que o discurso é feito a partir da linguagem, ou seja: “discurso é, para nós, em síntese, o funcionamento da língua em um dado momento histórico-social” (STAFUZZA; GÓIS, no prelo).

Ainda de acordo com Stafuzza e Góis (no prelo),

Ao estudar os conhecimentos apresentados como positivos, Pêcheux observa a relação entre os espaços discursivos “logicamente estabilizados”, em que os sentidos encontram-se cristalizados, “[...] suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y etc.) e formulações irremediavelmente equívocas”. (Pêcheux 1997, p. 28). Logo, ao buscar a noção de real no discurso, Pêcheux observa que do lugar teórico-metodológico da AD não é possível partir de uma visão lógica homogênea de se fazer ciência.

Isso, então, significa dizer que “[...] Pêcheux observa três aspectos que envolvem a descrição e a interpretação nas análises de discursos: a estrutura, o acontecimento e a tensão” (STAFUZZA; GÓIS, no prelo). Pensar a constituição do sujeito a partir da análise do discurso é, portanto, pensar a sua construção a partir da história, da sociedade e das ideologias que constituem todo e qualquer sujeito.

Nesse sentido, quando pensamos no discurso literário enquanto *corpus* de pesquisa, precisamos ponderar o que estamos considerando para a análise de discursos, uma vez que o presente artigo não tem a pretensão de dar conta de toda a obra de Oscar Wilde, mas sim, sobre alguns elementos que podem refletir a constituição do sujeito-personagem, Dorian Gray, na obra em estudo, *O retrato de Dorian Gray*.

Para Possenti (2009), um dado a partir das condições de produção não deve ser excluído do discurso, ou seja, os dados da interação entre sujeitos devem ser levados em consideração para a formação do *corpus* de pesquisa da Análise de Discurso, mesmo que estes dados não façam parte de um arquivo de análise, eles são produtos da relação entre sujeitos e não devem ser descartados. Assim,

[...] para a AD, qualquer evento de fala deveria poder ser um dado. Afinal, discurso é o que as pessoas dizem [...] não porque se trata de pessoas que dizem simplesmente, mas porque, para dizer, elas estão necessariamente inseridas em situações sociais – às quais se poderia chamar de posições de sujeito. (POSSENTI, 2009, p. 31)

A partir do momento em que o sujeito insere-se na sociedade, ele também participa de uma história e produz sentidos através do que enuncia: pelo seu dizer, o sujeito mostra que é interpelado por ideologias que são construídas sócio historicamente. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 46), o objetivo da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. Dessa forma, o indivíduo é interpelado como sujeito a partir de sua construção ideológica, sendo que tomamos a noção de ideologia aqui como a visão

de mundo do sujeito e suas convicções e valoração no mundo. Assim, os dizeres enunciados por todo e qualquer sujeito denotam um posicionamento discursivo e são carregados de sentidos que são produzidos a partir da relação ideologia-discursosentido.

Orlandi (2007, p. 47) define sentido como “uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos”. Sendo assim, podemos dizer que na Análise do Discurso não há sentido sem ideologia, assim como não há discurso sem sujeito.

O sujeito se constitui, portanto, a partir da ideologia materializada na língua, na produção do discurso que produz sentidos, então, o sujeito está marcado pela sua historicidade, mas também pela exterioridade em que vive e pelos sentidos que o rodeia. Novamente, de acordo com Orlandi (2007, p. 52), o sujeito “[...] é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder.”.

Desse modo, ao se analisar a construção do sujeito-personagem Dorian Gray no discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, 1988, podemos perceber que, de modo autobiográfico, o autor se materializava no sujeito-personagem, talvez como forma de se dar voz pela escrita, uma vez que o modelo pré-estabelecido de vida da época o censurava. “O Retrato de Dorian Gray (1891) [...] foi uma espécie de materialização ou de comunicação dos ideais de seu autor, constituindo na primeira indicação, embora não expressa, de seu homossexualismo.” (REVISTA CULT, 2000, p. 57).

No discurso literário não há uma dissociação entre as pessoas da obra, o escritor e o inscrito, sendo que, segundo Maingueneau (2006, p. 136):

A denominação “a pessoa” refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada. “O escritor” designa o ator que define uma trajetória na instituição literária. [...] O “inscrito” é, com efeito, tanto enunciador de um texto específico como, queira ou não, o ministro da instituição literária [...].

Dessa forma, quando Wilde coloca seus ideais espelhados em Gray, inclusive o homossexualismo, ele traz um discurso carregado de ideologias próprias que se sucumbem na obra.

Como foi citado acima, Oscar Wilde se auto transmutou para o romance *O Retrato de Dorian Gray* por mostrar características homossexuais na obra, o personagem Basil, principalmente, é o que faz emergir tais atributos, pois ele exerce uma idolatria sem tamanho em relação ao sujeito-personagem Dorian Gray. Assim, em vários momentos da obra, Basil dá a entender que ele possui algum afeto por Gray, tal como “[...] pela primeira vez avistei Dorian Gray. Quando nossos olhares entrecruzaram [...] em presença de um ser de tão grande encanto pessoal que, se eu cedesse à fascinação, todos os meus sentidos, o meu coração, até a minha arte, tudo ficaria subjugado” (WILDE, 1988, p.13) ou ainda em: “Dorian é para mim simplesmente um motivo artístico [...] eu descubro nele um mundo. [...] É tudo.” (WILDE, 1988, p.18); e em: “Enquanto for vivo, permanecerei submisso aos encantos de Dorian Gray.” (WILDE, 1988, p.20). Em tais sequências, podemos notar como Basil glorifica Dorian, este exerce sobre aquele tal fascinação que podemos dizer que chega a ser até uma atração homoerótica, sendo assim, Wilde mostra-se transgressor a sua própria época, momento em que a sociedade julgava e condenava aqueles que não se encaixavam no típico modelo inglês de conduta social.

A tragédia da obra se dá quando o retrato de Dorian Gray pintado por Basil fica pronto, pois é neste momento, que Gray se reconhece como sujeito dotado de beleza, assim: “as palavras *subjetivas* são particularmente numerosas na categorial adjetival.” (MAINIGUENEAU, 2006, p. 134). Isso significa dizer que, no discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*, as características, sejam positivas ou negativas, principalmente em relação ao sujeito-personagem Dorian Gray, apresentam-se polarizadas, uma vez que são colocadas em confronto constantemente para mostrar que a transformação (e constituição) acontece na contradição: [...] era inconstantemente belo, maravilhosamente belo (WILDE, 1988, p. 24) ou “insensível, impelido para o mal [...] (WILDE, 1988, p. 230). Portanto, podemos dizer que há uma transmutação na construção do sujeito-personagem Dorian Gray no fio discursivo literário de Wilde, pois o sujeito-personagem abandona a noção de sujeito recatado e tímido e assume um ideal narcisista: “Dorian adiantou-se devagar, sem responder. Chegando junto ao cavalete,

voltou-se para o seu retrato [...]. Nos olhos, ateou-se uma luminosidade alegre, como se, pela primeira vez, reconhecesse a si mesmo.” (WILDE, 1998, p.25).

Segundo Maingueneau (2006, p. 291),

A reflexividade essencial da enunciação literária faz com que o texto não mostre um mundo como o faria um vidro idealmente transparente cuja existência se pudesse esquecer; o texto só faz isso interpondo tacitamente a cena de enunciação, que, por sua vez, não pode ser totalmente representada [...]. A obra literária tem a seu cargo não apenas construir um mundo, mas também gerir a relação entre esse mundo e o evento enunciativo que o apresenta.

Sob essa perspectiva teórica podemos também perceber a enunciação trágica como um dos elementos que também constitui o sujeito-personagem Dorian Gray, de acordo com o seguinte fragmento: “Sim, era um quadro de fundo interessante que colocava em destaque o moço e, se fosse possível, lhe acentuava ainda mais a beleza perfeita. Por trás de tudo quanto é delicioso, encontra-se sempre a tragédia.” (WILDE, 1988, p.47). Era ali, que se anuciava a decadência do sujeito-personagem a partir das más influências de Lorde Harry, sendo que, nesse sentido, ser decadente e constituir-se à margem da sociedade, fora das regras de conduta da sociedade vitoriana, também são elementos que constituem o sujeito-personagem Dorian Gray. Assim, ao pensar na construção do sujeito-personagem, observando a sua contradição, observamos o seguinte enunciado no discurso literário que fundamenta essa questão colocada por nós: “o único meio de se livrar da tentação é ceder a ela.” (WILDE, 1988, p.27).

Ao lembrar que a narração de *O retrato de Dorian Gray* se passa no século XIX, podemos ressaltar que nesta época a mulher era tida como inferior ao homem, ou seja, a mulher era vista como um ser apenas para a reprodução e obediência ao seu marido que era o senhor da casa. Nesse sentido, o dizer do personagem Harry corrobora com esse posicionamento social da época vitoriana: “Não há gênios femininos, meu caro. As mulheres formam um sexo puramente decorativo. Nunca têm nada a dizer [...] a mulher representa o triunfo da matéria sobre o espírito, como o homem representa o triunfo do espírito sobre a moral.” (WILDE, 1988, p. 62).

Podemos perceber os sentidos que emergem do dizer de Harry, observando que a mulher é tida como um objeto (“sexo puramente decorativo”), como um ser desprovido de inteligência e desejos (“nunca têm nada a dizer”). De tais dizeres emergem sentidos que significam que a mulher da época vitoriana não é valorizada, sendo que tais

sentidos possuem o atravessamento histórico e ideológico formado pela sociedade daquela época. Logo, Harry representa o homem inglês que garante as regras sociais vigentes, sendo que seu dizer relaciona-se diretamente com a ideologia que o atravessa que diz que a mulher é um ser inferior em relação ao homem.

Dorian Gray, por outro lado, mostra-se transgressor a esse pensamento machista determinista da figura masculina em relação à feminina da época, e, em um fragmento da obra literária, Gray o retruca: “Harry, faça-me o favor de calar-se! [...] Os seus esboços de mulheres me assustam, Harry.” Sob essa perspectiva de resposta aos dizeres de Harry, Dorian ainda carrega em si a sua postura de bom moço marcado por uma história triste na família que se distancia da mentalidade que o homem tem sobre a mulher da época: “Uma bela mulher sacrificando tudo a seu louco amor. Uma felicidade de semanas apenas, [...] depois o nascimento de um pequeno ser em plena dor. A mãe arrebatada pela morte; depois, a criança sozinha no lar de um velho tirânico e sem coração” (WILDE, 1988, p. 47).

Assim, ao levar em conta que Dorian Gray é marcado por tragédias, focamos na afirmação de Orlandi (2007, p.53) quando explica que “Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, [...] e também por sua memória discursiva [...]”. Isso significa dizer que, de alguma forma, os atravessamentos ideológicos que constituem todo e qualquer sujeito, influenciam a construção do sujeito-personagem Dorian Gray também na e pela sua relação com o outro (aqui, no discurso literário em análise, na figura de Harry), tanto pela idolatria que os tratavam, como pelas suas vivências, que afetaram o seu declínio mais adiante na narração. Mas visto que, este parte de um discurso literário, está passivo de várias interpretações relativas aos diferentes tipos de receptores que vão ler a obra, pois

A intraduzibilidade de uma obra literária para outro plano de expressão ou para um metadiscorso estaria estaria ligada ao fato de que – retomando os termos de Macherey –“os textos literários são a sede de um pensamento que se enuncia sem atribuir a si mesmo as marcas de sua legitimidade, pois devolve sua exposição à sua encenação. (MAINGUENEAU, 2006 p.66)

Para Maingueneau (2006, p. 60),

o discurso literário não é isolado ainda que sua especificidade: ele participa de um plano determinado da produção verbal, os dos *discursos* constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência.

Em *O retrato de Dorian Gray* podemos perceber a relação entre literatura e mito, em que mostra o mito de Fausto, referência ao poema produzido pelo escritor alemão Goethe, visto que, se trata de um homem marginalizado que consegue várias proezas, como riqueza e prestígio, após ter feito um pacto com o diabo. Assim, podemos inter-relacionar o mito fáustico e o sujeito-personagem Dorian Gray que também vende sua alma ao diabo para conseguir beleza eterna.

De acordo com Pêcheux (1997, p. 33),

o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, ou “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica [...] (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc.) [...].

Quando Dorian Gray decide vender sua alma ao que iam contra os dogmas pregados na sociedade, concomitantemente, ele sofre as consequências dos atos que ele mesmo escolheu: “Sentia confusamente agir em si influências inteiramente novas, mas que pensava ele, encarnavam, entretanto, unicamente dele mesmo.” (WILDE, 1988, p. 28).

Sendo assim, o sujeito-personagem Dorian Gray precisa aceitar que se trata de sua natureza deixar-se influenciar. Wilde permite interpretar que o homem pode ser o próprio diabo e não ser possuído por uma entidade em si, a partir do momento que o sujeito-personagem Dorian Gray se deixa levar pelos prazeres maliciosos de Harry, ou seja, um sujeito que age com influências sobre outrem pregando sua ideologia, de que, neste caso, a beleza de Dorian o permite conseguir tudo que ele deseja: “A vida, meu caro Dorian, reserva para você tudo quanto é possível imaginar. Com semelhante beleza, o que você não pode pretender?” (WILDE, 1988, p. 128). É a partir dessas influências, ou até mesmo afloramento de desejos, que Harry proporciona a Dorian e isso o leva diretamente à sua decadência como indivíduo pertencente aquela sociedade em questão.

Quando Dorian se apaixona por uma atriz chamada Sibyl Vane, podemos perceber a partir da fala do sujeito-personagem é interpretável que Dorian não se

apaixona diretamente pela moça, mas sim pelos vários papéis que ela interpreta, visto que isso pode ser dito a partir do sentido produzido do que o sujeito-personagem Dorian diz sobre ela “Não sei qual a me render. Por que não haveria de amar Sibyl? Amo-a, Harry! [...] Mas as atrizes! Oh! Como as atrizes são diferentes!” (WILDE, 1988, p.66).

Assim, Dorian se vê encantado pelos personagens que Sibyl interpreta, porém, o que vamos nos ater é sobre a decadência fadada a Dorian, Harry o convence a seduzir Sibyl e não se casar com ela após ter a pedido em casamento, ao recusar o amor de Sibyl, influenciado por Harry, Dorian começa a sua modificação como sujeito e é assim que acontece a tragédia, em que Sibyl se mata por desgosto. A morte da atriz representa a morte de toda e qualquer mulher que tenta viver fora das normas sociais: se a morte não acontece como tragédia, acontece em vida, pois as atrizes vivem somente a vida marginalizada.

Ao olhar pelo viés histórico e ideológico a sociedade constrói preceitos com requisitos que devem se encaixar no modelo que é tido como perfeito nesta: essa representação de mundo leva o sujeito do desejo a querer ser perfeito, porém, para ser perfeito o indivíduo tem que se deslocar para tentar preencher o que falta. Porém, com este deslocamento, em consequência, o sujeito sempre será imperfeito, incompleto, ou seja, trata-se do sujeito da falta. De acordo com essa questão, Orlandi afirma que “pela natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem (do simbólico), ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento nessa rede” (ORLANDI, 2007, p.54), ou seja, assim como Dorian Gray apresenta-se como o retrato específico desta imperfeição com o desejo incessante da perfeição, que é a beleza eterna “Tenho inveja de toda a beleza que não morre. Tenho inveja do retrato que você fez de mim. Por que é que ele há de conservar aquilo que eu hei de perder?” (WILDE, 1988, p. 37).

Na medida em que a constituição do sujeito-personagem Dorian Gray sugere transformação – de um moço inocente para um indivíduo frio e corrompido –, o seu retrato pintado vai se deformando e sua figura continua sem modificações:

Ele conservava o seu aspecto de adolescente, livre de todas as máculas do mundo [...] comtemplava ora a figura envelhecida do retrato, ora o rosto jovem e radiante que o espelho polido lhe refletia. (WILDE, 1998, 157).

Assim, o retrato em si era o que realmente Dorian Gray era, sem maquiagens, o lado obscuro do ser humano, o que foge as regras da sociedade, o que se deixa levar pelo desejo e pelo inconsciente.

Ao pontuar o que Orlandi (2007) chama de “relação de forças”, podemos perceber que os posicionamentos e os dizeres do sujeito-personagem Dorian Gray depois da sua modificação deixariam todos que o rodeia surpreendidos, pois “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz.” (ORLANDI, 2007, p.39). Dorian Gray, portanto, é um sujeito visto pelos outros como um ideal de beleza e nobreza, e os seus atos não condizem com esta imagem, assim, o que ele realmente é, seu ser, fica camuflado, mais especificamente no retrato, por isso Dorian objetivava tanto em escondê-lo.

Fatos que expõe a decadência do sujeito-personagem Dorian Gray e que o constituem como sujeito no discurso literário estão marcados primeiramente pela morte de Sibyl Vane e depois, como foi dito logo acima, Dorian Gray temia que alguém, ou alguns de seus amigos vissem o quadro deformado, então, Basil Hallward, seu amigo, incessantemente pede para ver o quadro novamente. Dorian então se rende e o deixa vê-lo: “Então Basil, você pensa que só a Deus é concedido o privilégio de ver almas? Afaste essa cortina e terá a minha.” Assim, como no mito de Fausto, o sujeito-personagem Dorian Gray vende sua alma ao diabo em troca de beleza eterna, é assim então que Dorian começa a odiar Basil por ter contemplado tal horror, levando-o mais uma vez a decadência: “Dorian saltou sobre ele e enterrou-lhe a faca na grande artéria que passa atrás da orelha, esmagando de encontro à mesa a cabeça do infeliz e deferindo golpe após golpe.” (WILDE, 1988, p.193). Ao comparar o sujeito-personagem do começo do romance e esse que planeja e executa tal barbárie citada acima, é nítida a modificação do sujeito-personagem Dorian na obra, pois, a transformação faz parte de sua constituição.

Em 2009, foi realizado um filme para expor o romance *O retrato de Dorian Gray*, logicamente, por serem dois meios de exposição diferentes da narração da obra, podemos notar tais diferenças entre o discurso cinematográfico e literário. Para Maingueneau:

O enunciado literário é garantido em sua materialidade pela comunidade que o gera; reivindica uma filiação e abre para uma série ilimitada de repetições. [...] Enquanto na literatura oral as gravações revelam ponderáveis variações

nas diversas recitações de um poema pelo mesmo cantor, este último julga que recita todas às vezes a “mesma” obra. (MAINGUENEAU, 2009, p. 215).

Assim, quando Dorian Gray decide dar fim ao corpo de Basil sem deixar pistas, no livro ele recorre ao seu antigo conhecido Alan Campbell, um químico, e assim o fez através de ácido nítrico; já na versão cinematográfica da obra, Dorian Gray age sozinho e joga o corpo de Basil em um rio à noite, logo após o assassinato.

A terceira parte é talvez a mais profunda forma de declínio do sujeito-personagem Dorian Gray e que também o constitui enquanto sujeito-personagem transgressor no discurso literário em estudo acontece quando Dorian Gray decide destruir seu retrato deformado. Logo, Dorian Gray decide se auto destruir, tirar-lhe sua vida: “Pegou a arma e trespassou o retrato.” (WILDE, 1988, p. 270).

Desta feita, a partir da interação do sujeito-personagem Dorian com Harry, Basil e a sociedade que idolatrava sua beleza, ele se constitui no discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*: o sujeito-personagem se transforma e entra em decadência, tendo em vista que isto só foi possível porque Dorian encontra-se inserido nesta sociedade em especial, caso ocorresse o contrário “[...] a inexistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela a própria de maquinaria discursiva estrutural [...]” (GADET, F.; HAK, T., 1997, p. 315).

Assim, por Dorian Gray se constituir como sujeito-personagem no discurso literário de Oscar Wilde, observamos esta modificação em sua constituição, sendo que essa construção se dá a partir dos atravessamentos ideológicos e sociais, em sua vivência e interação social. Isso nos leva a dizer que, por mais que Dorian Gray seja um sujeito-personagem tido como bom, belo e sedutor, na narrativa, isso não o esquia de ser julgado, a partir do momento em que este faz parte de uma sociedade que valoriza os bons costumes, pois a sociedade londrina é bem conservadora. Assim, a partir do posicionamento em que o sujeito se movimenta, a sociedade que é carregada de ideologia, o julga ou o idolatra, e ao optar por seguir um caminho o sujeito está exposto a sofrer as consequências de suas decisões.

No entanto, esta visão é uma visão determinista do olhar de quem julga as transgressões ou comportamento anormais: para Dorian Gray, o sujeito da falta e da incompletude, retirar-se do modelo de beleza e transformar-se em elemento de

degradação, distanciando-se do belo e, portanto, das normas sociais, diz respeito sobre a sua própria constituição enquanto sujeito.

Considerações finais

A relevância deste trabalho está em refletir sobre a constituição do sujeito-personagem Dorian Gray e como acontece a construção desse sujeito-personagem no discurso literário no domínio da Análise do Discurso francesa. Assim, ao considerarmos as condições de produção do discurso literário de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, focamos um olhar analítico sobre a construção do sujeito considerando a ideologia e a produção de sentidos que emergem desse sujeito-personagem.

Nesse sentido, o presente estudo se ancora na relação de interface com a literatura tomando-a como *corpus* de trabalho, uma vez que a pesquisa possui um respaldo linguístico. Logo, é possível trabalhar na dinâmica linguística e literatura pelo viés da Análise do Discurso francesa, aproximando as áreas e observando como elas podem ser trabalhadas conjuntamente.

Ao analisar a construção do sujeito-personagem Dorian Gray na obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, consideramos que as condições de produção do discurso literário fundamenta os posicionamentos e dizeres do sujeito-personagem, e que a sua transformação é elemento de sua constituição no discurso literário em estudo. O elemento transgressor, que se distancia das normas vigentes sociais da sociedade londrina, constitui o sujeito-personagem, portanto, quanto mais distante Dorian Gray fica de sua época, mais sua decadência e seu declínio apresentam-se como elementos de libertação: o sujeito do desejo e do inconsciente é libertado ao dissociar-se do olhar dos outros sobre sua beleza. Ser feio, degradante, nesse sentido, é constituir-se sujeito com voz e posicionar-se contra as normas sociais.

Referências

GADET, F.; HAK, T. “Três épocas”. In: **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

MAINIGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

- _____. **Termos-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- ORLANDI, E. de L. P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso** - estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2^a ed, 1997.
- POSSENTI, Sírio. O dado *dado* e o dado **dado** (o dado em análise do discurso). In: _____. **Os limites do discurso:** ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola, 2009, pp. 23-31.
- ROLLEMBERG, Marcello. Morte e redenção do dândi. In: **Revista Cult.** Ano IV, n° 40, 2000.
- STAFUZZA, Grenissa; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. Apontamentos sobre a Análise do Discurso e suas práticas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. **Ciências da Linguagem:** o fazer científico? Vol. 2. Campinas: Mercado de Letras (no prelo).
- WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray.** Tradução José Maria Machado. 2. ed. São Paulo: Clube do Livro, 1988.

Recebido em fevereiro de 2013.

Aceito em setembro de 2014.